



Cirandar 2017

Gênero e Sexualidade na Escola, uma equação: questionamento + reflexão = produção escrita

Luciane Botelho Martins¹

“Descobri que a leitura é uma forma servil de sonhar. Se tenho de sonhar, porque não sonhar os meus próprios sonhos?”- Fernando Pessoa.

Início este relato com o pensamento de Fernando Pessoa, o mesmo que foi escrito na minha carta de intenção para participar da edição 2017 de Cirandar. A escolha por esse pensamento se dá porque ele me afeta duplamente. Primeiro, por tratar-se do tema sobre o qual discorre este relato e segundo, por instigar uma reflexão sobre a possibilidade de sonhar os próprios sonhos. Gostaria de aqui registrar que “sonhar” é o combustível que possibilita-me viver. Meus sonhos? Uma sociedade justa para todos; uma sociedade em que homens e mulheres não precisem mais medir forças, mas que possam conviver com respeito e igualdade; um mundo no qual a violência como “coisa do passado” dê lugar ao diálogo e acordos em prol do bem comum; enfim, sonho com uma educação que toque intimamente cada educando, fazendo-o perceber o quanto é importante na construção da sociedade ideal.

Meu tema? Gênero e sexualidade! Meu interesse por esse tema surgiu há algum tempo, não sei precisar. Sei apenas que sempre me incomodou presenciar práticas de segregação na escola e na vida. Entre essas práticas cito algumas, muito simples, porém naturalizadas, e difíceis de romper com intervenções simples: fila de meninos X fila de meninas; meninas na frente, meninos atrás; meninas jogam vôlei, pulam corda deste lado, meninos jogam futebol daquele; entre outras tantas que aqui deixo de enumerar.

Minha inquietação só aumentou quando percebi que as práticas que eu presenciava na escola eram apenas a ponta do iceberg, pois casos de violência doméstica sofridas por alunos e mães de alunos são muito mais frequentes na comunidade do que se possa imaginar. Ao pensar sobre essas questões vi-me diante do desafio de propor algo. E assim nasceu o desejo de participar do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola – GESE/FURG. Minha inscrição foi aceita e a partir daí, dei início a um trabalho que caracterizo como trabalho de enfrentamento às desigualdades sociais.

¹ Mestra em Letras pela UCPel, possui dupla licenciatura (Letras Português/Inglês e Pedagogia, ambas pela FURG), atualmente é doutorada do Programa de Pós-Graduação em Letras/UCPel, é membro do Laboratório de Estudos em Análise do Discurso LEAD/UCPel, além de professora de 5º ano do Ensino Fundamental na escola Bento Gonçalves - Rio Grande e professora substituta na UFPel, onde ministra as disciplinas: Linguística geral, Produção da Leitura e da Escrita II e Língua Portuguesa: perspectiva estilística, nos cursos de Licenciatura em Letras.

Certa do meu papel de “educadora” e “pesquisadora”, apresento alguns passos do Projeto que está em andamento nas turmas de 5º ano (51 e 52), onde atuo como professora das disciplinas de Língua Portuguesa, História, Geografia e Arte, na escola Bento Gonçalves/Rio Grande.

Ao assumir as turmas, logo nos primeiros dias de aula, percebi um vocabulário machista e preconceituoso, vocabulário esse utilizado entre meninos e meninas e entre as próprias meninas. Soma-se a esse fato, ainda, o caso de uma aluna de 14 anos, que na época abandonou a escola por estar grávida de um “rapaz” de 38 anos. Casos como esse são cada vez mais frequentes na comunidade. E assim, ao solicitar algumas escritas em aula ou até mesmo ao verificar as tarefas, percebi também, que os alunos deixavam escapar angústias como discussões, brigas e violência em casa.

A partir dessa realidade veio o desafio: Como desenvolver a reflexão crítica dos alunos sobre esses acontecimentos? Como tornar as aulas prazerosas, visto que diante de tantos problemas as crianças vão para a escola por obrigação?

Movida por essas perguntas surge o projeto *Sonhos & medos – O que guardo na bolsa amarela?* A inspiração para o trabalho veio da obra *A bolsa amarela* de Lygia Bojunga. A obra trata de uma menina – Raquel – que por ser a caçula, é impedida de fazer muitas coisas. Ela tem vontades que lhe são negadas por ser menina, daí o primeiro conflito da protagonista, o desejo de ter nascido menino. A obra possibilita uma série de reflexões sobre as convenções impostas socialmente do que é ser menino e o que é ser menina. De acordo com Beauvoir “é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino” (1967, p.9). Dada a definição da autora, podemos perceber que identidade e gênero são construções sociais a serviço da estabilização de padrões que determinam lugares hierárquicos para os sujeitos, ou seja, o sujeito ou é homem ou é mulher. É pois, nessa bipolaridade que se constroem os discursos da exclusão, pois, se o sujeito não cabe nas categorias sócio ideologicamente determinadas (ou é homem ou é mulher) é visto como aberração, conforme coloca Butler (2015).



O “carro chefe” do projeto são os diários, cada um dos 50 alunos tem a sua bolsa amarela e o seu diário (cadernos cujas capas foram personalizadas, em sala de aula, por cada aluno). No diário são registrados textos produzidos pelos alunos a partir de problematizações que surgem das obras literárias trabalhadas em sala de aula. Questões levantadas nas obras são discutidas e relacionadas às questões do bairro e da cidade. Trata-se de um movimento reflexivo: ficção & realidade; realidade de outros países & realidade brasileira. Começamos esse trabalho em abril de 2017 e já estamos no sétimo livro, conforme podemos observar na ilustração ao lado. Trabalhamos com “Malala, a menina que queria ir para a escola”, “Malala, uma menina muito corajosa”, “Iqbal, um menino muito corajoso”, “A bolsa amarela”, “Eugênia e os robôs”, “Chapeuzinho esfarrapado e outros contos feministas do folclore mundial”, atualmente estamos trabalhando com “Coisas de menino” e o próximo será “Pinóquia”.

Além do trabalho de escrita nos diários, produzimos: pipas (símbolos de liberdade – figura ilustrada por Iqbal nos tapetes que produzia no Paquistão); acrósticos sobre as qualidades de Malala; discursos orais reivindicando melhores condições físicas para todos estudarem; robôs de sucata (uma representação da tecnologia que por vezes desumaniza as pessoas afastando-as de seu verdadeiro círculo de amigos); poemas que visam valorizar o meio em que vivem, enfim, então sendo tantas as atividades que algumas até esqueço-me de mencionar. O projeto ainda está em andamento e encerra-se juntamente com o ano letivo – dezembro/2017.

Percebo que o trabalho já vem apresentando algumas mudanças, pois a turma não divide mais a fila, todos compõem uma única fila para o deslocamento até o refeitório ou passeios dirigidos (meninos e meninas se misturam); os trabalhos em grupos são formados de forma mista desnaturalizando aqueles dizeres de que a formação de grupos (da Luluzinha e do Bolinha) faz parte do desenvolvimento infantil.

Passo agora para o relato de algumas situações que me tocaram de forma singular.



As imagens acima mostram os estudantes com seus diários no processo de escrita. É válido registrar que os diários ficam guardados na sala de aula e só podem ser lidos por mim, se assim o/a estudante desejar. Trabalhamos com o respeito e a confiança na prática. São raras às vezes em que os/as estudantes pedem segredo, mas a situação já aconteceu. Outras vezes, aconteceu o contrário, estudantes pediam para ler seus textos em voz alta para que os/as colegas apreciassem seu(s) texto(s), um momento riquíssimo de aprendizagem.



Vitor & Ana

Outro movimento do nosso projeto são as personagens Ana e Vítor. Os bonecos surgiram da necessidade de se discutir, também, as questões de raça. Então, a direção da escola contribuiu com a aquisição dos bonecos. E eu entrei com a proposta. Segundo a mesma lógica da escrita de diários, construí um diário para cada personagem e uma bolsa. Na bolsa, além da personagem e do diário vão caneta e um livro de história para ser lido pelo(a) estudante durante o dia em que a personagem estiver em sua casa. No diário, cada estudante registra como foi/é passar um dia com a personagem. Trata-se de um diário de escrita coletiva.

É importante salientar que a primeira página do diário da Ana e do Vítor tem uma apresentação do projeto e da personagem, para que as famílias acompanhem o trabalho. Deixo aqui registrado que a construção das personagens foi feita pelas turmas. Cada turma adotou uma personagem. A turma 51 adotou o Vítor, nome escolhido pela turma e a turma 52 adotou a Ana. As ideias dos alunos foram organizadas por mim e resultaram nos textos dispostos acima.

Olá,
Eu sou a Ana. Meu nome foi escolhido pela turma 52. Tenho dois anos. Sou alegre, um pouco travessa. Adoro jogar futebol, passear e participar da rotina diária das crianças que assim como eu têm muitos sonhos.
 Ainda não sei o que vou ser quando crescer, só sei que quero ser feliz, quero ter muitos amigos, ser querida e muito lembrada por todos.
 Hoje, estou na sua casa para te conhecer melhor e dividir contigo minhas alegrias. Adoro histórias, principalmente aquelas que contam managens que pregam o respeito e o amor entre as pessoas.
 Sabe de uma coisa... Nosso mundo está muito conturbado, as pessoas brigam por qualquer coisa, fazem guerras, cometem injustiças, julgam uns aos outros e não sabem o sentido da tolerância. Você sabe o que é tolerância?
 Tolerância é aceitar as diferenças, algo tão simples, mas tão difícil de ver hoje em dia! Pense comigo: somos diferentes; nosso corpo é diferente; nossos cabelos são diferentes; nossa cor é diferente; gostamos de coisas diferentes e assim por diante. O fato é que isso não é justificativa para nos tratarmos de forma diferente, pois somos todos humanos, somos todas crianças e por isso devemos tratar os outros da mesma forma que gostaríamos de ser tratados. Enfim... estou aqui para te visitar e compartilhar contigo, bons momentos e algumas experiências.
 Ah! Esquecime de dizer que gosto de receber carinho e a principal forma de carinho é que faça uma história para mim e registre no meu diário, como foi a experiência de cuidar de mim!
 Estou ansiosa para saber o que você pensa!
 Não se esqueça de colocar data e assinar seu registro!
 Se quiser, pode colocar uma foto sua comigo, ou produzir um desenho para ilustrar esse momento tão especial.
 Obrigada por me receber com tanto carinho!
 Beijinhos, Ana.

Olá galera,
Eu sou o Vítor. Meu nome foi escolhido pela turma 51. Tenho dois anos. Sou muito alegre, gosto de desenhar e preparar lanchês gostosos com minha avó. Adoro passear na praça e apontar corvidas.
 Ainda não sei o que vou ser quando crescer, talvez escritor, sei lá, só sei que quero ser feliz, quero ter muitos amigos, e ser lembrado por todos como um cara legal!
 Hoje, estou na sua casa para te conhecer melhor e dividir contigo meus sonhos e minhas alegrias. Adoro histórias, principalmente aquelas que contam managens que pregam o respeito e o amor entre as pessoas.
 Sabe de uma coisa... Nosso mundo está muito confuso, muitas pessoas perderam o sentido da vida, brigam por qualquer coisa, fazem guerras, cometem injustiças, julgam uns aos outros, muitas são racistas e preconceituosas, ou seja, não sabem o sentido da palavra igualdade. Você sabe o que é igualdade? Igualdade é quando tratamos e somos tratados da mesma forma, independente das nossas características e/ou escolhas. Aceitar as diferenças é tão simples, mas tão difícil de ver hoje em dia!
 Veja bem, nossos corpos tem formas diferentes; nossos cabelos são diferentes; nossa cor é diferente; gostamos de coisas diferentes e assim por diante. O fato é que isso não é justificativa para nos tratarmos de forma diferente. Não é?
 Bom, eu estou aqui para te visitar e compartilhar contigo, bons momentos e algumas experiências. Lembrando eu gosto de receber carinho e a principal forma de carinho é que faça uma história para mim e registre no meu diário, como foi a experiência de cuidar de mim! (coloca a data e sua assinatura)
 Estou louco para saber o que você pensa!
 Se quiser, pode colocar uma foto sua comigo, ou produzir um desenho para ilustrar esse momento tão especial.
 Obrigada por me receber com tanto carinho!
 Abraços, Vítor.

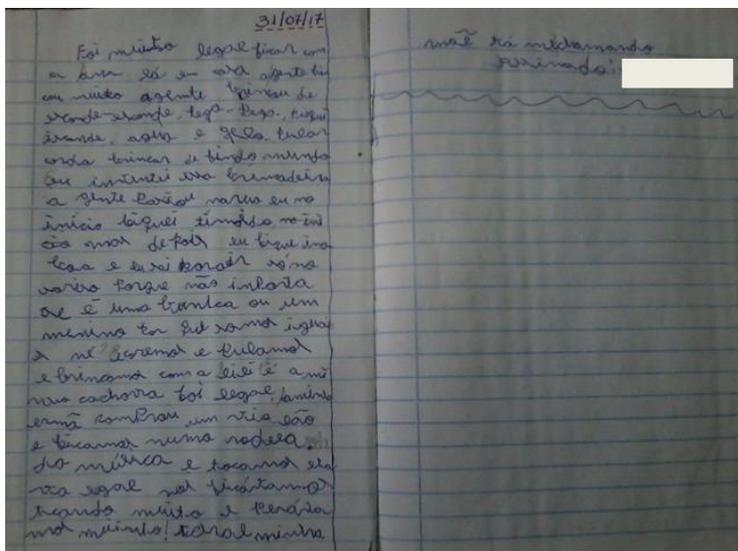
A seguir, apresento as imagens de turma 51, no dia em que o Vítor começou sua jornada visitando as casas dos estudantes que compõem a turma e da turma 52 com a Ana, também no dia em que a personagem inicia sua jornada de visitas.



As personagens já visitaram as casas de tod@s @s estudantes da sua turma e agora trocaram de turma e estão em uma nova fase de visitas. O mais curioso nesse trabalho foi a resistência de alguns meninos ao levar um (uma) boneco (a) para casa e isso ficou registrados nos diários, a angústia sofrida por convenções sociais que não tem o menor sentido de ser.

A seguir, coloco a cópia de um dos registros. Tomei a liberdade de colocar aqui porque é um texto compartilhado, no diário das personagens não há segredo! (oculte a autoria, por questões éticas).

Acredito que essa escrita revela dois movimentos: o primeiro da resistência “menino levando uma boneca para casa?” e o



segundo a constatação: “isso não tem nada a ver com o fato de ser menino ou menina”. O preconceito é uma construção da sociedade, e é preciso lutar contra todo o tipo de segregação, somos tod@s gente! E, gente deve respeitar e ser respeitada.

Nesse ponto do relato, eu gostaria de retomar a epígrafe deste texto para dizer que é possível sonhar o nosso sonho, talvez não consigamos mudar o mundo, mas com pequenos gestos, com pequenas práticas estaremos semeando para o futuro.

Os desafios são muitos e estão postos. “Fazer algo” depende de cada um de nós, depende dos sonhos que nos movem, o meu? A IGUALDADE DE GÊNERO E RAÇA!

Referências:

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: a experiência vivida*. 2ª edição. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. [trad.] Renato Aguiar. 8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.